

TRANSFORMAÇÕES INDUZIDAS NA ESTRUTURA PRODUTIVA DE PEQUENOS PRODUTORES PELAS MEDIDAS DE POLÍTICA ECONÔMICA, CRUZEIRO DO SUL - RS, PERÍODO 1971/72 A 1975/76*

Humberto Vendelino Richter

Juan Algorta Plá**

SINOPSE

Ao longo da primeira metade da presente década houve importantes mudanças na estrutura produtiva do setor agropecuário, estimuladas por políticas que pretendiam fazer com que a agricultura se desenvolvesse ao ritmo da economia nacional em seu conjunto. Este artigo apresenta um estudo preliminar das mudanças ocorridas, a nível de exploração, em um município ocupado por pequenos produtores com produção diversificada. Os dados de campo foram obtidos em dois levantamentos, o primeiro deles em setembro de 1972 e o segundo em janeiro de 1977, sendo que os produtores entrevistados foram os mesmos nas duas oportunidades.

Entre os resultados alcançados, destaca-se um forte incremento das culturas consorciadas que perderam muita importância. Com referência à pecuária, destacam-se incrementos na suinocultura e na produção de leite. Em relação à utilização de recursos observa-se um incremento na utilização de maquinaria e uma redução na utilização de mão-de-obra contratada, especialmente nos estabelecimentos de maior área (entre 25 e 100 hectares). A renda da operação agrícola apresenta uma evolução favorável somente no caso desses estabelecimentos maiores.

Concluiu-se que estabelecimentos com áreas entre 25 e 100 hectares tiveram condições mais favoráveis para se adaptar à nova situação econômica, já que eles dispuseram de crédito para investimentos em máquinas e equipamentos, assim como para o custeio das produções, fazendo uso de insumos modernos.

SUMMARY

Important changes in the productive structure of the agricultural sector took place in the first half of the present decade, stimulated by policies aimed at a rapid growth of agricultural product. This article presents a preliminary analysis of the changes at the farm level in a county of small farmers engaged in a diversified production. Data were collected in two field surveys involving the same farmers, the first one in September 1972 and the second one in January 1977.

Among the results obtained, it is to mention a strong increment of single cultures of corn and soybeans in the summer and wheat in the winter, while joint planted crops lost much of their old importance. With reference to animal productions, increments were observed in pork and milk productions.

The use of resources evolved towards an increase in the use of machinery and a reduction in the use of hired labor, specially in farms with area between 25 and 100 hectares. Farm income exhibits a positive evolution for those farms. The main conclusion is that larger farms had more favorable conditions for adapting to the new economic situation, since they had the necessary loans to make investments in machinery and equipment, as well as to buy modern inputs.

* Trabalho elaborado com uma parte dos dados dos levantamentos efetuados em 1972 e 1977 pelo IEPE como parte do Projeto "Estudo Sócio-Econômico de Pequenas Propriedades Rurais, Cruzeiro do Sul, RS", sob a Coordenação Geral do Prof Eli de Moraes Souza, Diretor do IEPE/FCE da UFRGS.

** O primeiro autor é Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA e o segundo é Professor Assistente do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, IEPE/FCE da UFRGS, Porto Alegre- RS.

TRANSFORMAÇÕES INDUZIDAS NA ESTRUTURA PRODUTIVA DE PEQUENOS PRODUTORES PELAS MEDIDAS DE POLÍTICA ECONÔMICA, CRUZEIRO DO SUL - RS, PERÍODO 1971/72 A 1975/76

Humberto Vendelino Richter
Juan Algorta Plá

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, procura-se analisar alguns aspectos da evolução da estrutura produtiva de um grupo de pequenos estabelecimentos rurais no sul do país, entre os anos de 1971 e 1976. Ao longo desse período, grandes mudanças ocorreram no setor agrícola nacional, estimuladas por políticas que procuraram fazer com que a agricultura se desenvolvesse no ritmo da economia nacional em seu conjunto. É opinião dos autores que a transformação ocorrida no sistema produtivo das propriedades analisadas neste estudo teria sido aproximadamente a mesma observada em outras áreas de pequenas propriedades delicadas à produção diversificada.

É importante que se procure analisar os reflexos das medidas de política econômica não só a nível agregado de todo o setor, mas também a nível das empresas, para um melhor entendimento do comportamento dos produtores. Com essa finalidade, iniciou-se o projeto "Estudo Sócio-Econômico de Pequenas Propriedades Rurais, Cruzeiro do Sul, RS". No âmbito desse projeto foram realizados dois levantamentos de campo, o primeiro deles em 1972 e o segundo em 1977, sendo possível fazer algumas inferências preliminares sobre o comportamento dos produtores.

As conclusões desta análise têm caráter preliminar porque estão baseadas em observações feitas nos momentos extremos de um período relativamente curto. Será necessário obter, no futuro, dados adicionais que venham confirmar ou não as tendências até aqui observadas.

2. TENDÊNCIAS RECENTES NA AGRICULTURA BRASILEIRA

No II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), o governo federal ressaltou o papel do Setor Agrícola no processo de desenvolvimento, destacando de forma nítida duas principais funções do mesmo, ou seja, uma contribuição significativa ao crescimento do Produto Interno Bruto, por um lado, e, por outro, o de participar ativamente no mercado externo como grande supridor mundial de alimentos, matérias-primas e produtos industrializados.

Em particular, a função do Setor como produtor de bens exportáveis reveste-se de grande importância no contexto do modelo de desenvolvimento adotado, orientado fortemente em relação à indústria de substituição de importações.

A vontade política de estimular uma modernização do Setor vinha sendo evidente desde os primeiros anos da presente década, quando o governo reestruturou os programas de pesquisa agrícola (EMBRAPA) e de extensão rural (EMBRATER).

Entre as medidas complementares adotadas, visando à modernização do Setor vinha e que tiveram sucesso, poder-se-ia citar a aceleração do programa rodoviário, a ampliação da rede de armazéns e a construção 'de instalações portuárias modernas. Peças fundamentais da ação governamental tendente à modernização do Setor Agrícola foram a expansão do programa de crédito rural, a aplicação de subsídios para a compra de insumos e os estímulos à exportação. Já a política de preços mínimos garantidos não alcançou o impacto desejado porque, além de serem mantidos a níveis relativamente baixos, eram usados para condicionar os níveis dos empréstimos de custeio da produção agrícola.

As injeções maciças de crédito rural provocaram uma expansão da área cultivada, apesar da produtividade permanecer quase estacionária na maioria das culturas. Paralelamente, registrou-se um incremento importante na utilização de maquinaria e de insumos modernos, como inseticidas, herbicidas, adubos e defensivos.

Segundo LOPES (6), a combinação das políticas de crédito rural subsidiado para insumos modernos (como fertilizantes e maquinaria), com o pesado sistema de taxaço na agricultura (impostos de exportação e controle de preços internos), teve resultados positivos e negativos, entre os quais destacam-se:

- a) uma mudança tecnológica na agricultura com um aumento no uso de fertilizantes, principalmente no caso dos médios e grandes produtores;
- b) os grandes produtores puderam transferir para outros grupos parte dos impostos, através do crédito subsidiado, enquanto que os pequenos não puderam;
- c) as culturas de soja, arroz e trigo não sofreram restrições de crédito, como no caso de outras culturas, a exemplo da mandioca e do feijão, provocando realocações de recursos entre culturas;
- d) finalmente, houve uma transferência de capital da agricultura para outros setores, ou para investimentos em terra.

Em conseqüência, não foi possível, até agora, compatibilizar por completo a oferta de alimentos nos mercados interno e externo, já que os incentivos às culturas de exportação têm servido, freqüentemente, de desestímulo à produção dos alimentos consumidos pela população brasileira. Isto porque, até o início desta década, os pequenos produtores das regiões Sul e Nordeste, com áreas inferiores a 50 hectares, eram responsáveis por mais de 3/4 da produção de milho, feijão e mandioca, e por mais de 50% da produção de arroz, segundo informe da FIPE/MA (5).

Portanto, grande parte dos alimentos destinados ao mercado interno era oriunda da produção dos pequenos produtores. Como resultado das políticas que s, que estavam em condições de adotar favoreciam aos médios e grandes produtores que estavam em condições de adotar as culturas de exportação, utilizando tecnologia moderna, os pequenos produtores foram induzidos a abandonar o cultivo dos produtos tradicionais de consumo interno, voltando-se às culturas de exportação. A própria política de crédito rural passou a pressioná-los, nesse sentido. Segundo dados da COMCRED, Ministério da Agricultura, a participação dos pequenos agricultores no valor dos financiamentos à agricultura, que era de 30,95% em 1969, caiu para 11,38% em 1976. Em financiamentos à pecuária a participação dos pequenos produtores caiu de 42,54% para 12,12%. Ao mesmo tempo, a participação dos grandes agricultores ultrapassou os 47% do valor dos financiamentos.

Face a essa situação e tendo em vista a importância do papel desempenhado pelo pequeno estabelecimento rural na economia do país, especialmente com relação do abastecimento do mercado interno, procurou-se estudar, em maiores detalhes, como um grupo de pequenos produtores vêm reagindo às mudanças ocorridas nas políticas econômicas, em relação à estrutura produtiva de suas propriedades. Este artigo apresenta alguns resultados preliminares da pesquisa. Estudos adicionais e mais aprofundados estão sendo levados a efeito para, oportunamente, possibilitar uma análise mais definitiva.

3. CARACTERÍSTICAS DA ÁREA EM ESTUDO

O município de Cruzeiro do Sul localiza-se na microrregião 6 (Colonial do Baixo Taquari), à margem direita do rio Taquari. Ocupa uma área de 157 km², apresentando duas regiões distintas quanto à topografia. As áreas que margeiam o rio Taquari são planas e de alta fertilidade, enquanto que em direção oeste encontra-se uma região mais acidentada. A população foi estimada em 12.140 habitantes em 1970 (IBGE), dos quais 85% vivem no meio rural.

A economia do município é baseada na agricultura, existindo, no entanto, algumas indústrias de importância que absorvem parte da mão-de-obra urbana.

Os produtos principais de lavoura são milho, mandioca, arroz, soja e batata-inglesa, os produtos representando estes 74% do valor da produção lavoureira (quadro 1). Também são de importância as culturas de fumo e de feijão.

QUADRO 1. Produção lavoureira em Cruzeiro do Sul - RS, 1972.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor da Produção	
			Absoluto (Cr\$ 1.000)	Percentual (%)
Milho	2.410	3.615	1.205	27,5
Mandioca	450	9.000	710	16,2
Soja	755	1.050	504	11,6

QUADRO 1. (Conclusão)

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor da Produção	
			Absoluto (Cr\$ 1.000)	Percentual (%)
Arroz	500	1.200	440	10,1
Batata-inglesa	130	1.560	364	8,3
Outros	978	-	1.152	26,3
TOTAL	5.223	-	4.375	100,0

Fonte: Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul, 1972-85. Fundação de Economia e Estatística, Porto Alegre.

As produções de suínos, bovinos, aves, ovos, manteiga e leite também são fontes de receita de importância para os agricultores de Cruzeiro do Sul (quadro 2).

QUADRO 2. Importância da produção pecuária no município de Cruzeiro do Sul - RS, 1972.

Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor (Cr\$ 1.000)
Rebanho animal			
Suínos	Cabeça	31/40	4.422
Bovinos	-	10.686	3.605
Aves	-	126.000	288
Produto animal			
Leite	1.000 l	37/7	1.710
Manteiga	kg	117.600	564
Ovos	1.000 dz.	296	474

Fonte: Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul, 1972-75. (2)

4. PESQUISAS ANTERIORES NA REGIÃO

Alguns estudos sobre a economia dos pequenos produtores foram realizados em anos anteriores no município de Lajeado, contíguo a Cruzeiro do Sul. Em 1965, foram levantados dados através de uma pesquisa sobre crédito rural do IEPE/UFRGS. SIMEONIDIS (8) analisou esses dados, demonstrando a maior potencialidade da suinocultura, quando comparada com outras criações, em relação à acumulação de capital; POLI (7) analisou os fatores que apareciam associados a uma maior Renda da Operação Agrícola, salientando a importância do crédito agrícola, nesse sentido.

Em 1969, o IEPE realizou um outro levantamento em Lajeado, incluindo as mesmas explorações usadas no levantamento de 1965. WILGES (9) procurou identificar as mudanças na organização das pequenas propriedades, comparando

os dados dos dois levantamentos. Esse autor identifica uma tendência à baixa na utilização de mão-de-obra assalariada, junto com uma mecanização crescente. Na análise por empreendimentos identifica quedas na criação de suínos e na produção de milho, junto com incrementos nas produções de leite e de soja. Ele explica essas mudanças como efeito da evolução dos preços relativos dos produtos.

5. FONTE DE DADOS

Foram feitos dois levantamentos de dados na área, o primeiro em setembro de 1972, cobrindo o período de 1-9-71 a 31-8-72, enquanto que o segundo e janeiro de 1977, cobrindo o período de 1-1-75 a 31-10-76.

As propriedades levantadas foram sorteadas para o levantamento de 1972, e os mesmos estabelecimentos foram entrevistados em 1976, de forma a apresentar evolução sofrida pelas propriedades por influência das economias gerais.

A amostra foi aleatória e estratificada, sendo que a variável de estratificação foi a área da propriedade, para qual foram considerados 5 estratos de tamanho (quadro 3), cuja superfície abrangida para cada estrato consta no quadro 4. A probabilidade de confiança foi fixada em 95%. Os estabelecimentos que, finalmente, foram entrevistados excedem o número mínimo recomendado pela teoria para cada estrato (distribuição ótima de Neyman), para permitir a realização de testes estatísticos.

QUADRO 3. Número de estabelecimentos considerados na amostra em cada estrato de tamanho, em 1972 e 1977

Estrato de tamanho (ha)	Número do estrato	Estabelecimentos (nº)		
		Calculados pela fórmula de Neyman	Entrevistados em 1972	Entrevistados em 1977
3 --- 6	1	4	4	5
6 --- 12	2	16	19	19
12 --- 25	3	31	47	45
25 --- 50	4	10	16	13
50 --- 100	5	5	5	6
TOTAL	-	66	91	88

Fonte: IEPE.

QUADRO 4. Superfície total dos estabelecimentos considerados na amostra em cada estrato de tamanho, em 1972 e 1977

Estrato de tamanho (ha)	Superfície dos estabelecimentos (ha)	
	Entrevistados em 1972	Entrevistados em 1977
3 --- 6	16,6	21,5
6 --- 12	166,8	167,9
12 --- 25	834,6	728,1
25 --- 50	489,7	435,0
50 --- 100	343,6	387,1
TOTAL	1.851,3	1.739,6

Fonte: IEPE.

6. MUDANÇAS NA ESTRUTURA PRODUTIVA EM CRUZEIRO DO SUL

A seqüência desta análise leva em conta os fatores de produção clássicos terra, capital e mão-de-obra - passando logo à análise da evolução da renda de operação agrícola e do volume físico da produção obtida.

6.1. Utilização da Terra**6.1.1. Distribuição por Tipo de Uso**

Observa-se no quadro 5 que a distribuição da área explorada para diferentes usos apresenta poucas mudanças entre os dois levantamentos. Contudo, esses dados indicam apenas quais as parcelas da terra explorada que estão disponíveis para diversas atividades. É preciso conhecer-se qual o uso efetivo da área cultivada, em diferentes períodos.

QUADRO 5. Disponibilidade de terra explorada para diferentes usos em um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul - RS, em 1972 e 1977

Estrato de tamanho (ha)	Uso da terra por estrato: área disponível por ano (ha)					
	Culturas	Pedreiros	Mato	Reflores-tamento	Outras	Total
Lançamento de 1972						
1	2,7	0,7	-	-	0,9	4,2
2	5,9	1,5	0,3	0,1	0,9	8,8
3	11,2	2,8	1,3	0,6	1,9	17,8
4	19,6	5,0	2,1	1,1	2,8	30,6
5	51,1	8,6	2,2	4,4	2,4	68,7

QUADRO 5. (Conclusão)

Estrato de tamanho (ha)	Uso da terra por estrato: área disponível por ano (ha)					
	Culturas	Pedreiros	Mato	Reflores-tamento	Outras	Total
Média total (ha)	13,4	3,1	1,2	0,8	1,8	20,3
Total em %	66,0	15,3	5,9	3,9	8,9	100,0
Lançamento de 1972						
1	3,2	0,6	0,2	-	0,3	4,3
2	6,1	1,3	0,6	0,5	0,3	8,8
3	10,5	2,7	1,1	0,1	1,2	16,2
4	25,0	4,6	1,7	1,1	1,1	33,4
5	43,9	7,2	1,3	8,4	3,8	64,5
Média total (ha)	13,5	2,9	1,0	1,2	1,1	19,7
Total em %	58,2	14,5	5,1	6,1	6,0	100,0

Fonte: IEPE.

Nota: Considerou-se a área média por estabelecimento rural.

6.1.2. Alocação Efetiva da Terra para Cultivos de Verão e de Inverno

Os cultivos de verão ocupam a maior parte da terra disponível para culturas, conforme se observa no quadro 6, e, além disso, de 1972 a 1976 expandiram-se em 14,6%. Como a área média dos estabelecimentos rurais se manteve quase constante, a expansão das culturas de verão só foi possível pela diminuição dos poteiros, das matas e de áreas até então não utilizadas. Houve como que uma "expansão geográfica interna" nos estabelecimentos. Além disto, iniciou-se um cultivo mais intenso da terra disponível, especialmente pela expansão da cultura do trigo, cuja área cresceu em 212,5% no período estudado (quadro 6).

Esse crescimento da área cultivada se deu de forma mais intensa nos estabelecimentos rurais com áreas superiores a 20 hectares, principalmente nos estratos 4 e 5.

Analisando-se os produtos que tiveram maior incremento relativo na área cultivada, verifica-se que foram, por ordem decrescente, trigo, soja, milho e fumo. Segundo dados da FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (4), os preços recebidos pelos produtores no Rio Grande do Sul, entre 1971 e 1975, tiveram os seguintes incrementos: os preços do trigo e da soja aumentaram, respectivamente, 2,96 e 2,82 vezes; o preço do milho multiplicou-se por 3,26 e o do fumo por 4,34. Portanto, os produtores rurais reagiram sensivelmente à variação relativa dos preços, realocando seus recursos para aquelas atividades que tiveram os maiores incrementos de preços (vide quadro 18). A realocação não se deu na mesma ordem de expansão dos preços devido à influência de outros fatores, tais como garantia de compra, condições 'de crédito, disponibilidade de mão-de-obra, suprimento adequado de insumos, e outros.

As variações da área cultivada de cada produto, por estrato, entre os dois períodos, são apresentadas nos gráficos da figura 1.

QUADRO 6. Utilização efetiva da terra cultivada com cultivos de verão e de inverno, média em hectares e em percentagem por estabelecimento, de um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul – RS, safras de 1971/72 e 1975/76

Uso efetivo da área cultivada	Safrá 1971/72						Safrá 1975/76						Mudança na área cultivada
	Estrato de tamanho					média do grupo	Estrato de tamanho					média do grupo	
	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5		
Culturas de verão													
Milho													
Área em ha	0,88	1,24	1,52	3,13	4,40	1,87	1,10	1,95	2,64	6,79	4,33	3,09	+1,22
% da área cultivada	(29,6)	(20,3)	(15,8)	(19,6)	(15,5)	(17,5)	(42,3)	(27,7)	(24,9)	(35,8)	(12,0)	(25,2)	(+65,2)
Soja													
Área em ha	0,88	0,52	0,87	3,41	10,00	1,74	0,70	2,21	3,32	7,21	23,00	4,82	+3,08
% da área cultivada	(29,6)	(8,5)	(9,0)	(21,3)	(35,2)	(16,2)	(26,9)	(31,4)	(31,3)	(38,1)	(63,8)	(39,3)	(+177,0)
Mandioca													
Área em ha	0,13	0,71	1,17	1,22	4,00	1,19	0,40	0,58	0,94	1,13	4,33	1,09	-0,1
% da área cultivada	(4,4)	(11,6)	(12,2)	(7,6)	(14,2)	(11,1)	(15,4)	(8,2)	(8,9)	(6,0)	(12,0)	(8,9)	(-8,4)
Fumo													
Área em ha	-	0,11	0,38	0,68	0,40	0,36	0,20	0,68	0,49	0,33	0,67	0,51	+0,15
% da área cultivada	(0,0)	(1,8)	(2,9)	(4,2)	(1,4)	(3,4)	(7,7)	(9,7)	(4,6)	(1,7)	(1,8)	(4,1)	(+41,7)
Milho-soja													
Área em ha	0,50	2,42	4,21	4,50	4,40	3,74	-	1,45	2,68	2,67	-	2,07	+0,15
% da área cultivada	(16,8)	(39,8)	(43,9)	(28,3)	(15,5)	(34,9)	(0,0)	(20,6)	(25,3)	(14,1)	(0,0)	(16,9)	(+41,7)
Outros													
Área em ha	0,58	1,10	1,46	3,04	5,16	1,81	0,20	0,17	0,53	0,81	3,72	0,69	-1,67
% da área cultivada	(19,5)	(18,0)	(15,2)	(19,0)	(18,1)	(16,9)	(7,7)	(2,4)	(5,0)	(4,3)	(10,3)	(5,6)	(-45,7)
Total da área cultivada de verão													
Área em ha	2,97	6,10	9,61	15,98	28,36	10,71	2,60	7,04	10,60	18,94	36,05	12,27	-1,12
% da área cultivada	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(-61,8)

QUADRO 6. (Conclusão)

Uso efetivo da área cultivada	Safrá 1971/72						Safrá 1975/76						Mudança na área cultivada
	Estrato de tamanho					média do grupo	Estrato de tamanho					média do grupo	
	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5		
Culturas de inverno													
Trigo													
Área em ha	-	-	-	2,60	5,20	0,80	-	0,50	1,40	4,50	5,50	2,50	+1,70
% da área cultivada	(0,0)	(0,0)	(0,0)	(92,8)	(100,0)	(89,0)	(0,0)	(100,0)	(93,3)	(100,0)	(98,2)	(96,0)	(+212,5)
Outros													
Área em ha	-	0,10	0,10	0,20	-	0,10	-	-	0,10	-	0,10	0,1	0,00
% da área cultivada	(0,0)	(100,0)	(100,0)	(7,2)	(0,0)	(11,0)	(0,0)	(0,0)	(6,7)	(0,0)	(1,8)	(4,0)	(0,0)
Total da área cultivada de inverno													
Área em ha	-	0,10	0,10	2,80	5,20	0,90	-	0,50	1,50	4,50	5,60	2,60	+1,70
% da área cultivada	(0,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(0,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(+188,9)

Fonte: IEPE.

Nota: Os valores em porcentagem estão representados entre parênteses.

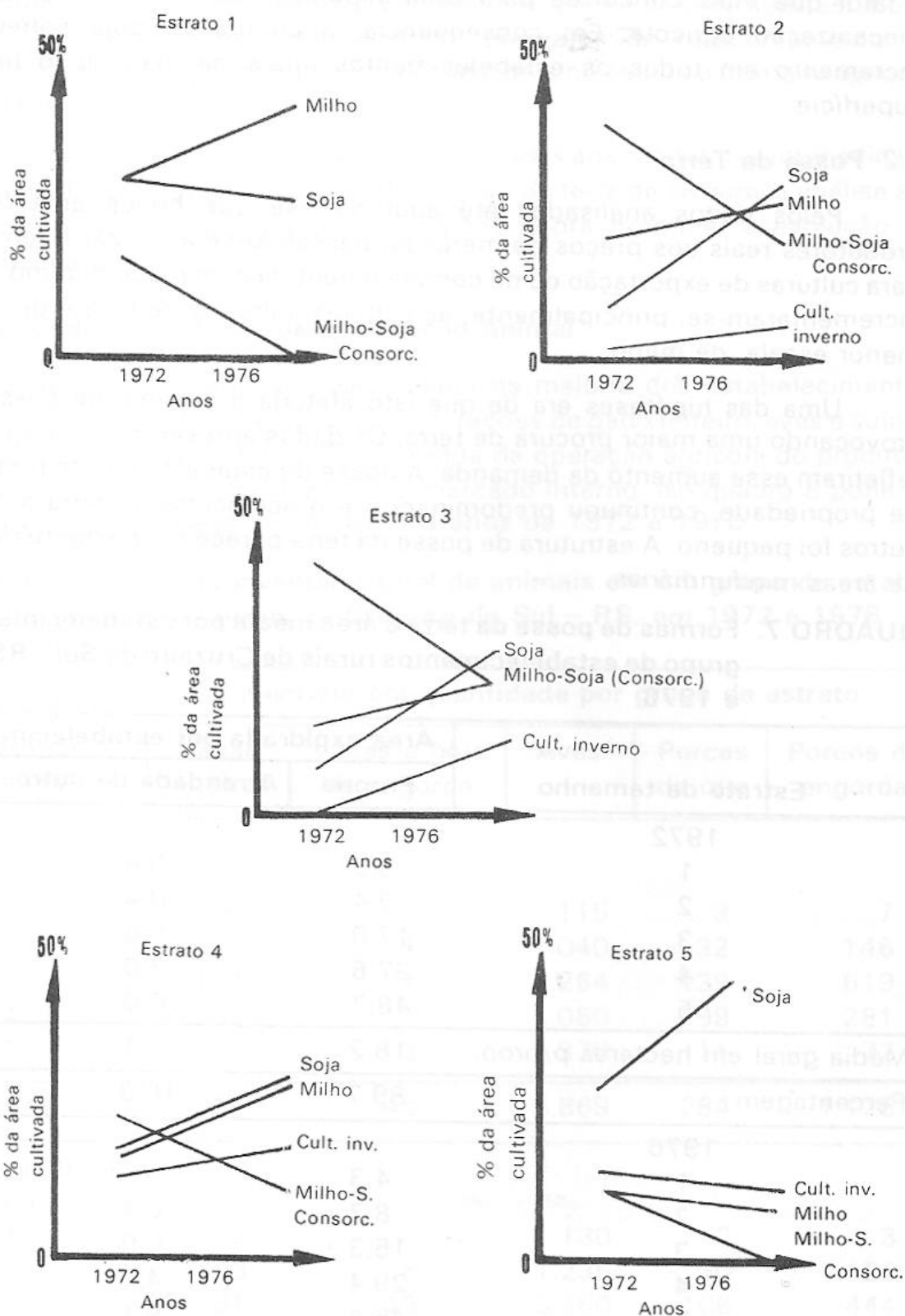


FIGURA 1. Distribuição percentual da área cultivada com milho, soja e outras culturas de inverno, em um grupo estabelecimentos rurais de Cruzeiro do Sul - RS, 1971/72 a 1975/76.

Fonte: IEPE (com dados do quadro 6).

Em todos os estabelecimentos rurais o cultivo consorciado, principalmente de milho-soja, diminuiu de forma muito sensível. As áreas com as consorciações passaram a ser utilizadas com culturas solteiras de milho e de soja. Provavelmente, o fator que mais concorreu para essa separação das culturas foi a crescente mecanização agrícola. Em consequência, a cultura da soja sofreu o maior incremento em todos os estabelecimentos rurais de mais de 6 hectares de superfície.

6.2. Posse da Terra

Pelos dados analisados até aqui nota-se que houve uma reação dos produtores reais aos preços de mercado, passando-se a utilizar a terra cultivada para culturas de exportação ou de compra garantida com preço mínimo. E com isto incrementaram-se, principalmente, as culturas solteiras de soja e de trigo, e, em menor escala, de milho.

Uma das hipóteses era de que isto afetaria o sistema de posse da terra, provocando uma maior procura de terra. Os dados apresentados no quadro 7 não refletiram esse aumento da demanda. A posse do estabelecimento rural, na forma de propriedade, continuou predominando e o acréscimo da terra arrendada de outros foi pequeno. A estrutura de posse da terra parece ser bastante rígida, típica de áreas minifundiárias.

QUADRO 7. Formas de posse da terra e área média por estabelecimentos em um grupo de estabelecimentos rurais de Cruzeiro do Sul - RS, em 1972 e 1976

Estrato de tamanho	Áreas exploradas por estabelecimentos (ha)		
	Própria	Arrendada de outros	Total
1972			
1	3,8	0,4	4,2
2	8,4	0,4	8,8
3	17,0	0,8	17,8
4	27,6	3,0	30,6
5	48,7	20,0	68,7
média geral em hectares p/prop.	18,2	2,1	20,3
Percentagem	89,7	10,3	100,0
1976			
1	4,3	-	4,3
2	8,7	0,1	8,8
3	15,3	0,9	16,2
4	29,4	4,1	33,5
5	45,4	19,1	64,5
média geral em hectares p/prop.	17,4	2,4	19,8
Percentagem	87,9	12,1	100,0

Fonte: IEPE.

Pelos dados, pois, a estrutura fundiária não sofreu alterações significativas entre 1972 e 1976, quer em termos absolutos como percentuais. Segundo técnicos da região, a situação seria bem diferente, se houvesse um programa de crédito fundiário que permitisse aos produtores expandir a área de seus estabelecimentos. Ou, então, seria necessário um programa de reassentamento de agricultores em outras regiões agrícolas do país, pois no estado a fronteira agrícola parece estar quase esgotada.

Dentro de uma estrutura fundiária rígida só resta aos produtores intensificar a lavoura e a exploração de animais. Quanto ao uso da terra de lavoura, a análise até aqui mostra que foi o que aconteceu. Vamos agora examinar a evolução da atividade pecuária.

6.3. Evolução das Atividades de Exploração Animal

A pecuária é uma atividade secundária na maioria dos estabelecimentos rurais de Cruzeiro do Sul. Entretanto, as explorações de gado leiteiro, aves e suínos tem grande importância na formação de renda da operação agrícola do produtor, bem como na oferta de alimentos para o mercado interno. No quadro 8 pode-se observar a evolução dessas atividades nos anos de 1972 e 1976.

QUADRO 8. Evolução do inventário total de animais em um grupo de estabelecimento rurais de Cruzeiro do Sul – RS, em 1972 e 1976

Estrato de tamanho	Áreas exploradas por estabelecimentos (ha)				
	Vacas leiteiras	Vacas e boia de engorda	Aves	Porcas de cria	Porcos da engorda
Levantamento de 1972					
1	6	-	115	3	4
2	68	4	1.040	32	146
3	164	27	3.261	139	619
4	66	11	1.080	99	281
5	20	3	370	11	72
TOTAL	324	45	5.869	284	1.125
Levantamento de 1976					
1	9	-	130	2	3
2	63	6	1.236	30	122
3	181	18	5.260	106	444
4	71	1	560	89	317
5	26	2	260	20	83
TOTAL	350	27	7.446	247	969

Fonte: IEPE.

Através desses dados se vai analisar a evolução da pecuária leiteira, da sua atividade secundária de engorda de bovinos, e da avicultura e da suinocultura.

6.3.1. Pecuária de Leite

O rebanho leiteiro teve uma pequena expansão de 7,5% para todos os estabelecimentos. Mas a produção total de leite, desse grupo de produtores, aumentou em 30%, devido a um aumento de produtividade (leite produzido por vaca) de 20%. Esse desempenho é evidenciado nos dados apresentados no quadro 9.

QUADRO 9. Evolução da produção leiteira de um grupo de estabelecimentos rurais de Cruzeiro do Sul - RS, em 1972 e 1976

Estrato de tamanho	Ano agrícola de 1971/72		Ano agrícola de 1975/76	
	Produção total de leite (I)	Produção de leite por vaca (I)	Produção total de leite (I)	Produção de leite por vaca (I)
1	3.055	509	15.025	1.669
2	81.955	1.205	90.875	1.442
3	196.139	1.196	272.263	1.504
4	77.665	1.177	66.600	938
5	26.820	1.341	53.610	2.062
TOTAL	385.634	1.190	498.373	1.424

Fonte: IEPE.

Observa-se que, exceto nos estabelecimentos do estrato 3, houve uma expansão da atividade leiteira, em termos de rebanho, de produção e de produtividade. Entre as causas prováveis disso, destacam-se duas: em primeiro lugar, o preço do leite cresceu em 4,37 vezes, 1971 a 1975 (ver quadro 18); em segundo, o serviço de extensão da região desenvolveu um programa especial de pecuária leiteira, visando à melhoria do rebanho e ao aumento da produtividade (acompanhado de um programa de crédito rural).

Em conseqüência, a atividade de engorda de bovinos, um subproduto da atividade leiteira, e que já não era atividade importante em 1971, sofreu um grande decréscimo durante o período considerado.

6.3.2. Avicultura

A criação de aves não é feita de forma intensiva e em confinamento sistemático. Em geral, as galinhas são criadas em instalações de "fundo de quintal", ou até, em muitos casos, soltas, sendo conduzidas como atividades suplementares. Apenas em estabelecimentos dos estratos 2 e 3 foram encontradas instalações avícolas de exploração em confinamento total. E, somente nesses, a alimentação é balanceada com ração comercial. E nesses estratos houve um acréscimo de mais de 50% na quantidade de aves (quadro 8). Mas, em termos gerais, o acréscimo para todo o grupo foi de 27%, uma vez que os

estabelecimentos rurais de maior área diminuíram a quantidade de aves. Provavelmente, o crescimento dos preços no período, que foi de 2,30 para o frango de corte e de 2,60 para a dúzia de ovos, não induziu os produtores a fazerem maior investimento na atividade avícola.

6.3.3. Suinocultura

Os dados do quadro 8 indicam que o rebanho suíno permaneceu praticamente constante. Não foi possível verificar com exatidão qual a quantidade total produzida de carne, para se avaliar a evolução da produtividade. Contudo, a quantidade de suínos vendida no período 1971/72 rendeu Cr\$ 365.367,00 e em 1975/76, a preços constantes de 1972, foi a Cr\$ 699.156,00, representando um aumento de oferta de 91% (ver quadro 16). Portanto, para um rebanho mais ou menos constante, a oferta de suínos quase duplicou. Como o preço, em termos reais, cresceu 3,07 vezes em relação a 1971 (ver quadro 18), supõe-se que, esta tenha sido uma das principais causas deste aumento de oferta. Nota-se que, relacionado com o aumento da oferta de suínos, houve também o grande incremento da área plantada com milho, que é o principal insumo alimentar para a suinocultura.

6.4. Evolução da Estrutura do Capital de Exploração

Durante o período em estudo ocorreram alterações na distribuição percentual do capital de exploração nos estabelecimentos rurais de Cruzeiro do Sul. ZAGATTO (10) calculou os valores relativos dos componentes do capital de exploração para os anos de 1972 e 1976 (quadro 10).

Os gastos e investimentos com máquinas e equipamentos tiveram um aumento relativo na composição do capital de exploração, o mesmo ocorrendo com gastos com culturas. Esta associação direta de gastos com mecanização e o incremento das culturas comerciais já havia sido indicada na análise anterior sobre a evolução das culturas e agora confirmada pelos dados do quadro 10. As mudanças no sistema de produção refletiram-se na composição relativa do capital de exploração.

Vamos examinar, agora, como alguns dos componentes do capital de exploração, tais como empréstimos, quantidades de tratores e uso de mão-de-obra, modificaram-se nos estabelecimentos rurais estudados entre 1972 e 1976.

6.4.1. Evolução do Uso de Crédito Rural

No quadro 10, observou-se que o item Empréstimos, além de não representar mais do que 0,35% do total do capital de exploração, não parecia ter aumentado de importância relativa. Comparando-se, entretanto, os montantes de crédito rural, em valores constantes, utilizados pelos produtores rurais nos dois períodos, verifica-se que houve uma expansão real de 59% para todo o grupo (quadro 11).

QUADRO 10. Estrutura percentual do capital de exploração em um grupo de propriedade rurais de Cruzeiro do Sul - RS, 1972 e 1976

Estrato em área (ha)	21 -- 11		11 -- 22		22 -- 44		44 -- 105		Total		
	1972	1976	1972	1976	1972	1976	1972	1976	1972	1976	Varição
Ano											
Estabelecimento (nº)	21	20	35	38	24	17	5	10	85	85	
Estrutura do capital											
Capital de Exporação Fixo											
Máquinas e equipamentos	22,54	32,48	18,40	34,69	44,02	41,81	48,07	63,57	34,16	46,49	+12,33
Animais de trabalho	17,64	10,67	13,67	8,28	8,55	5,71	9,95	2,66	11,31	5,93	-5,38
Animais de produção	45,49	38,30	45,71	35,00	30,49	32,23	23,03	13,20	35,96	26,79	-9,17
Subtotal	85,67	81,45	77,78	77,97	83,06	79,75	81,05	79,43	81,43	79,21	-2,22
Capital de Expl. Circulante											
Culturas	2,80	5,39	4,24	5,92	4,84	4,73	8,92	8,69	4,94	6,63	+1,69
Mão-de-obra	0,72	0,09	2,40	0,92	0,75	0,19	3,54	1,65	1,53	0,96	-0,57
Animais	9,15	9,82	13,07	11,18	8,63	11,96	1,71	5,35	9,22	9,07	-0,15
Máquinas e equipamentos	0,74	2,45	1,59	2,60	1,80	2,71	3,01	4,03	1,77	3,13	+1,36
Empréstimos	0,13	0,24	0,16	0,51	0,40	0,24	0,72	0,29	0,34	0,35	+0,01
Gerais	0,79	0,56	1,01	0,90	0,52	0,42	1,06	0,56	0,77	0,65	-0,12
Subtotal	14,33	18,55	22,22	22,03	16,94	20,25	18,95	20,57	18,57	20,79	+2,22
Total de capital de exploração	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	

Fonte: ZAGATTO (10).

QUADRO 11. Evolução da utilização de crédito rural com diferentes finalidades, em um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul – RS, 1972 e 1976

Estrato de tamanho	Crédito de custeio	Crédito investimento em maquinaria	Crédito investimento em construções	Crédito com outras finalidades	Total de crédito
Levantamento de 1972					
1	-	3,0	-	-	3,0
2	25,8	5,5	2,5	-	33,8
3	45,3	175,9	52,3	31,2	304,8
4	27,5	235,6	7,4	28,2	298,7
5	150,7	-	-	-	150,7
TOTAL	249,3	420,0	62,2	59,4	791,0
Levantamento de 1976					
1	-	-	-	-	-
2	12,4	28,4	10,6	-	51,4
3	237,5	265,4	39,6	10,9	553,4
4	27,3	304,7	10,5	-	342,5
5	117,4	192,8	-	-	310,2
TOTAL	394,6	791,3	60,7	10,9	1.257,5

Fonte: IEPE.

Nota: Deflacionado de acordo com o "Índice de Preços Recebidos pelos produtores, Lavouras, RGS", coluna 43 da Conjuntura Econômica

Analisando-se a composição estrutural do crédito, verifica-se, ainda, que a principal expansão ocorreu nos itens de custeio e investimento em maquinaria. Esta evolução é coerente com a tendência da expansão da agricultura comercial na região. A maior expansão de crédito para mecanização ocorreu nas propriedades maiores, de 12 a 100 hectares.

Como foi usado esse crédito para investimento máquinas é o que se mostra a seguir.

6.4.2. Evolução da Mecanização

A quantidade existente de tratores nos estabelecimentos rurais foi usada como indicador do investimento realizado em máquinas e implementos agrícolas modernos. Assim, os dados do quadro 12 mostram que, de 1972 a 1976, houve um acréscimo de 75% na quantidade de tratores possuídos pelo grupo de produtores estudados. É interessante notar que nos estabelecimentos de estrato 3 (de 12 a 25 ha) é que existem mais tratores. Nas 45 propriedades desse estrato existiam, em 1976, 11 tratores. Mas a quantidade de estabelecimentos que não

possuem tratores é grande, embora declinando, de 1972 para 1976, de 84% para 70% (quadro 13). Na época do 2.o levantamento (1977) ainda havia 61 estabelecimentos sem nenhum trator, mas, segundo informações do técnico agrícola local, para o 2.o semestre daquele ano, diversos produtores rurais, do grupo estudado, já tinham encaminhado solicitação de crédito para investimento em maquinaria.

QUADRO 12. Quantidade de tratores existentes em um grupo de propriedades rurais, classificadas por potência, em Cruzeiro do Sul - RS, 1972 e 1976

Estrato de tamanho	Quantidades de tratores por potência							
	0-30 HP		31-60 HP		61 HP ou mais		Total	
	1972	1976	1972	1976	1972	1976	1972	1976
1	0	0	0	0	0	0	0	0
2	1	4	0	0	0	0	1	4
3	4	7	3	3	0	1	7	11
4	3	1	3	6	0	1	6	8
5	0	2	1	1	1	2	2	5
TOTAL	8	14	7	10	1	4	16	28

Fonte: IEPE.

Deve-se destacar, ainda, que na região estudada é prática comum o aluguel de maquinaria entre os produtores. Segundo informações colhidas pelos autores, cerca de 2/3 dos produtores rurais usam de mecanização mecânica, ou no preparo do solo e plantio, ou na colheita.

QUADRO 13. Classificação de estabelecimentos segundo a posse de tratores existentes em um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul - RS, 1972 e 1976

Tratores nos estabelecimentos	Quantidade de estabelecimentos	
	Levantamento de 1972	Levantamento de 1976
Nenhum trator	77	61
Um trator	12	26
Dois tratores	2	1
Três tratores	0	0
TOTAL	91	88

Fonte: IEPE.

Assim, o fato de 61 produtores não possuírem trator não significa que não estejam fazendo uso de mecanização. Além disso, mais de 20% de produtores, que não possuíam trator em 1972, adquiriram pelo menos 1 trator entre 1972 e 1976. Apenas nos estabelecimentos de menos de 6 hectares (estrato 1) não houve aquisição de trator durante o período.

6.4.3. Uso da Mão-de-obra

As informações sobre a quantidade de mão-de-obra empregada nos estabelecimentos rurais estudados, em 1972 e 1976, estão representadas no quadro 14.

Nota-se, inicialmente, que a quantidade de empregados permanentes, além de baixa, está decrescendo no período (o decréscimo do uso de empregados permanentes foi de 70%). Praticamente, só as propriedades maiores ainda fazem uso desse tipo de mão-de-obra.

QUADRO 14. Quantidade de empregados permanentes e temporários em um grupo de propriedades rurais de Cruzei do Sul – RS, 1972 e 1976

Estratos	Empregados (nº)			
	Permanentes		Temporários	
	1972	1976	1972	1976
1	0	0	0	1
2	1	0	10	1
3	7	1	155	15
4	6	0	7	3
5	6	5	47	10
Total de empregados usados pelo grupo	20	6	219	30
Média de empregados por estabelecimento	0,22	0,07	2,41	0,34

Mas a queda maior foi no uso de empregados temporários, sendo superior a 86% o decréscimo verificado de 1972 a 1976. Parece que não só está havendo substituição de mão-de-obra por máquinas, como também uma substituição de atividades exigentes de mão-de-obra, por atividades menos exigentes. Em termos gerais, para todo o grupo estudado, houve uma diminuição de 85% no uso de mão-de-obra assalariada.

6.5. Evolução da Renda da Operação Agrícola

As estimativas da Renda da Operação Agrícola são apresentadas no quadro 15.

Verifica-se que, tanto em termos nominais como reais, houve uma evolução positiva global para o grupo. Analisando-se, entretanto, os grupos de estabelecimentos por estrato de tamanho, observa-se que os de menos de 6 hectares sofreram um decréscimo real de 44% na Renda da Operação Agrícola. Somente as propriedades rurais dos estratos 4 e 5 obtiveram reais ganhos de renda, de, respectivamente, 48% e 101%.

QUADRO 15. Evolução da renda da operação agrícola média por estabelecimento em um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul - RS, 1972 e 1976

Estrato de tamanho	1972	1976	Variação percentual	
Evolução da ROA, em valores nominais				
1	2.856	5.862	+	105,3
2	5.361	21.150	+	294,5
3	8.060	31.633	+	292,5
4	12.098	65.654	+	442,7
5	12.028	88.701	+	637,5
MÉDIA	8.081	42.600	+	427,2
Evolução da ROA, em valores deflacionados (Ano-base=1966)				
1	7	4,18	-	44
2	14	15,09	+	7
3	21	22,56	+	7
4	32	46,83	+	48
5	31	63,27	+	101
MÉDIA	21	30,39	+	44

Fonte: IEPE.

Os estabelecimentos de área superior a 25 hectares, e que apresentarem os maiores incrementos da renda da operação agrícola, são justamente aqueles que demonstraram expansão nas vendas de soja, trigo, milho e outras culturas comerciais, bem como nas vendas de suínos e de leite (quadro 16). A utilização de recursos produtivos por parte desses estabelecimentos evoluiu no sentido de uma maior mecanização, para o que aumentaram os financiamentos bancários. Em grande parte, essas mudanças na estrutura produtiva explicam a evolução da renda agrícola.

Pode-se, pois, concluir que as condições econômicas vigentes no período, que resultaram em mudanças na estrutura produtiva dos estabelecimentos rurais, geraram um crescimento desigual da renda agrícola, beneficiando as Propriedades maiores que se mecanizaram mais intensamente.

6.6. Evolução da Oferta Agrícola

6.6.1. Expansão da Oferta

Para refletir a evolução da oferta efetiva dos produtores do grupo estudado, os dados apresentados no quadro 16 referem-se às vendas realizadas nos dois períodos, calculadas a preços de 1972.

As variações ocorridas entre os dois anos correspondem a modificações nas quantidades vendidas, ou seja, as vendas dos excedentes de produção após satisfeitas as necessidades de consumo dos produtos rurais.

As três maiores expansões de oferta foram de trigo, soja e suínos. A expansão da oferta de trigo e soja é conseqüência do aumento da área cultivada, através de maior mecanização, como reflexo do incremento maior dos preços de mercado. O incremento nas vendas de suínos, devido ao estímulo dos preços, está associado à maior produção do milho, que é utilizado para o arraçamento desses animais (e para o rebanho leiteiro).

O aumento nas vendas de leite, em cerca de 38%, foi relativamente maior de que a expansão da produção total de leite, mostrando que, quando as condições de mercado são favoráveis, decresce o consumo interno do produtor rural.

QUADRO 16. Evolução do valor total das vendas de alguns produtos, calculado a preço de 1972, em um grupo de propriedades rurais de Cruzeiro do Sul – RS, 1972 e 1976

Estrato	Soja	Trigo	Fumo	Outras criaturas (1)	Suínos	Outros animais (2)	Leite	Outros produtos animais (3)
1972								
1	3.886	-	-	83	740	976	538	60
2	17.656	-	5.339	3.179	40.548	8.575	26.440	8.622
3	85.772	990	47.267	20.861	183.028	47.731	51.919	32.120
4	51.806	26.994	19.229	8.651	135.424	22.033	16.681	18.594
5	27.785	8.811	4.982	32.884	5.627	6.426	5.740	2.100
TOTAL	186.905	36.795	76.817	65.658	365.367	85.741	101.318	61.496

QUADRO 16. (Conclusão)

Estrato	Soja	Trigo	Fumo	Outras criaturas (1)	Suínos	Outros animais (2)	Leite	Outros produtos
1976								
1	2.081	-	4.595	388	193	1.940	3.584	-
2	45.472	2.508	17.310	10.282	87.641	14.210	26.248	3.312
3	193.759	38.313	49.422	10.109	222.937	25.368	76.326	21.235
4	78.673	29.535	18.038	12.432	277.638	13.165	22.577	1.161
5	114.689	20.955	8.997	61.534	110.747	12.627	11.362	2.116
TOTAL	434.674	91.311	98.362	94.745	699.156	67.310	140.097	27.824
Variação percentual	+ 133	+ 148	+ 28	+ 44	+ 91	- 21	+ 38	- 55

Fonte: IEPE.

Nota: Os preços utilizados para construir esta tabela são os preços recebidos pelos produtores, médias anuais publicadas pela FGV (4); para o item "outras culturas" foi utilizado o índice de preços recebidos pelos agricultores do Rio Grande do Sul pelos produtos da lavoura, publicado na coluna 43 da Conjuntura Econômica (3); para os itens "outras animais" e "outras produtos animais" foi utilizado o índice da coluna 44 da Conjuntura Econômica.

(1) Inclui milho, feijão, arroz, cana, mandioca, ervilha, batata, erva-mate, amendoim, aveia e sorgo. (2) Inclui bovinos, aves, ovinos, equinos e caprinos. (3) Inclui manteiga, queijo, ovos, banha, linguiça e carnes.

As produções de arroz, feijão, baratinha, ervilha, lentilha, hortigranjeiros e frutas destinam-se só para consumo das famílias, comercializando-se apenas volumes pequenos e em forma esporádica. O mesmo aplica-se em relação às produções de origem animal, como banha, manteiga, nata e ovos.

Pela análise dos dados do quadro 16, pode-se concluir que a oferta global, medida pela evolução do volume de produção vendida pelos produtores rurais do grupo estudado, teve um acréscimo grande, estimulado por condições favoráveis de mercado. Portanto, os pequenos produtores rurais reagem sensivelmente a variações de preços e de demanda.

6.6.2. Preços Recebidos pelos Produtores Rurais

Nos quadros 17 e 18 são apresentados os preços recebidos pelos produtores rurais durante o período de 1971 a 1976.

Os dados dos preços dos quadros 17 e 18 serviram de base para analisar a reação dos pequenos produtores rurais de Cruzeiro do Sul. Pela evolução de preços pode-se verificar que as atividades que tiveram maior expansão nos estabelecimentos rurais estudados estão associadas aos maiores incrementos reais dos preços de mercado.

QUADRO 17. Preços recebidos pelos produtores no Rio Grande do Sul, 1971/76

Produto	Unidade	Ano					
		1971	1972	1973	1974	1975	1976
Mandioca	t	90	104	145	174	199	613
Milho	kg	0,23	0,39	0,46	0,62	0,75	1,10
Soja	kg	0,44	0,51	1,08	1,17	1,24	1,69
Trigo	kg	0,50	0,55	0,64	0,99	1,48	1,89
Fumo	kg	1,06	1,96	2,63	3,41	4,60	6,10
Boi gordo	15 kg	38,22	51,83	70,95	98,08	108,24	140,58
Suíno	15 kg	21,11	35,02	41,02	63,62	64,82	75,84
Francgo	kg	2,35	2,84	3,64	4,72	5,42	6,95
Leite	1 t	0,43	0,57	0,84	1,29	1,88	2,28
Ovos	dz	1,67	1,94	2,79	3,83	4,35	6,18

Fonte: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (4).

QUADRO 18. Índices dos preços recebidos pelos produtores no Rio Grande do Sul, 1971/76

Produto	Ano					
	1971	1972	1973	1974	1975	1976
Mandioca	1,00	1,16	1,61	1,93	2,21	6,81
Milho	1,00	1,70	2,00	2,70	3,26	4,78
Soja	1,00	1,16	2,45	2,66	2,82	3,84
Trigo	1,00	1,10	1,28	1,98	2,96	3,78
Fumo em folha	1,00	1,85	2,48	3,22	4,34	5,75
Boi gordo (corte)	1,00	1,36	1,86	2,57	2,83	3,68
Suíno (corte)	1,00	1,66	1,94	3,01	3,07	3,59
Frango (corte)	1,00	1,21	1,55	2,01	2,31	2,96
Leite	1,00	1,33	1,95	3,00	4,37	5,30
Ovos	1,00	1,16	1,67	2,29	2,60	3,70

Fonte: Calculado a partir do quadro 17.

7. RESUMO DOS RESULTADOS

A estrutura fundiária do grupo de produtores estudados em Cruzeiro do Sul permaneceu inalterada entre 1972 e 1976. Este comportamento é similar ao observado por WILGES (9) no vizinho município de Lajeado no período entre 1965 e 1969.

Contudo, a estrutura produtiva e a renda da operação agrícola dos estabelecimentos rurais apresentaram mudanças que são resumidas no quadro 19.

QUADRO 19. Mudanças ocorridas na estrutura produtiva e na renda da operação agrícola de um grupo de pequenos estabelecidos rurais de Cruzeiro do Sul – RS, períodos 1971/72 a 1975/76

Características que mudaram nas propriedades	Período 1971/72	Período 1975/76	Varição percentual ou diferença
1. Área plantada com soja (hectares por	1,74	4,82	+177,0
2. Área plantada com milho (hectares por	1,87	3,09	+65,2
3. Área plantada com trigo (hectares por	0,80	2,50	+212,5
4. Área plantada com milho e soja consorciados (hectares por estabelecimento)	3,74	2,07	-45,7
5. Quantidades de tratores na amostra (nº)	16	28	+75,0
6. Quantidade de assalariados			
a) trabalhadores permanentes	20	6	-70,0
b) trabalhadores temporários	219	30	-86,3
7. Capital circulante:			
a) gastos com culturas (percentual sobre o total do capital de exportação)	4,94	6,63	+1,69
b) gastos com máquinas (percentual sobre o total do capital de exploração)	1,77	3,13	+1,36
8. Créditos para compras de maquinaria, por estrato de tamanho (1):			
a) entre 3 e 25 ha	184,40	293,80	+59,3
b) entre 25 e 100 ha	235,00	497,50	+111,7
9. Evolução do volume da produção vendida, média por estabelecimento para alguns produtos (2) (Cr\$):			
a) trigo e soja	223.700,00	525.985,00	+144
b) suínos	365.367,00	699.156,00	+91
c) produção leiteira	101.318,00	140.097,00	+38
d) outros produtos animais	61.496,00	27.824,00	-55,0
10. Renda da operação agrícola por estrato de tamanho			
a) entre 3 e 6 hectares	7,46	4,18	-44,0
b) entre 6 e 25 hectares	17,52	18,83	+7,5
c) entre 25 e 100 ha	31,45	55,05	+75,0

8. CONCLUSÕES

Pelos resultados da pesquisa verifica-se que os pequenos produtores rurais estudados no município de Cruzeiro do Sul modificaram seu sistema de produção, face às mudanças nos preços, condições do mercado de insumos e de produtos, e devido à expansão do crédito rural.

Como a estrutura fundiária do município é muito rígida, a mudança na estrutura produtiva consistiu na realocação do uso da terra para a exploração mecanizada de culturas comerciais, como trigo, soja e milho, e na intensificação de suinocultura e produção leiteira.

Os pequenos produtores rurais, induzidos pelas políticas agrícolas, transformaram-se de agricultores de subsistência em empresários capitalistas, produzindo para o mercado e ingressando na massa de consumidores de alimentos elaborados. A produção consorciada e de subsistência subsiste apenas em áreas insignificantes, concentrada, principalmente, em estabelecimentos de menos de 6 hectares.

Em conseqüência, houve uma grande substituição da mão-de-obra assalariada por capital mecânico, o que foi favorecido pela utilização de crédito rural de longo prazo para investimento em maquinaria. A mecanização favoreceu também a expansão das culturas solteiras, o que redundou no aumento da produtividade da terra e conseqüente aumento no volume de produtos ofertados.

Quase todas essas mudanças só ocorreram nos estabelecimentos rurais com mais de 6 hectares, sendo a mecanização e o uso de insumos modernos o principal meio usado para a mudança do sistema produtivo.

Como resultado, houve um incremento na renda da operação agrícola nos estabelecimentos de mais de 25 hectares, provocando uma concentração de renda no grupo de produtores estudados a favor dos estabelecimentos de maior área.

Esta pesquisa terá continuidade nos próximos cinco anos, visando a acumular experiência na criação e operacionalização de sistemas de obtenção e análise de dados obtidos a nível do produtor. Com isto, poder-se-á diminuir os custos envolvidos no levantamento contínuo de população e, por outro lado, obter valiosas informações sobre os fatores e políticas econômicas que afetam mudanças na estrutura de produção dos agricultores.

9. LITERATURA CITADA

1. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1977. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1978.
2. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1972-76. Porto Alegre, F.E.E., v. 6 B, t. 1, 1976.
3. CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, FGV, v. 33, n. 4, abr, 1979.
4. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Preços recebidos pelos agricultores. jun. 1977.
5. FIPE/MA. Base para um programa de apoio aos agricultores de baixa renda. Brasília, out. 1975. (Programa de estudos FIPE/MA - Projeto Pesquisa e Extensão).
6. LOPES, Mauro de Rezende. Política monetária e crédito rural. Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Economia Rural, Fortaleza, Ceará, 1978. 60 f.

7. POLI, João Baptista E.H. Descrição e análise das rendas em relação ao uso de empréstimos em pequenas propriedades rurais - Lajeado, Rio Grande do Sul. Porto Alegre, IEPE/UFRGS, 1967 (Tese de MS).
8. SIMEONIDIS, Haralambos. Net farm income, and potential for capital accumulation on livestock farms, Rio Grande do Sul, Brazil. Ohio, Ohio State University, 1967. (Thesis M.S).
9. WILGES, Ilmo José. Uma análise econômica das mudanças operativas e organizacionais em pequenas propriedades agrícolas - Lajeado - 1965/1969. Porto Alegre, IEPE/UFRGS, 1975 (Tese de MS).
10. ZAGATTO, Luís. Mudanças ocorridas no processo produtivo de pequenas propriedades agrícolas, Cruzeiro do Sul, RS - 1972/76. Porto Alegre, IEPE/UFRGS, 1978 (Tese de MS).